

A pior crise na doença de Tancredo

por José Casado
de São Paulo

Aconteceu o que os médicos mais temiam: o coração do paciente Tancredo de Almeida Neves, 75 anos, começou a falhar na manhã de ontem. O presidente, prostrado num leito hospitalar, inconsciente há sete dias consecutivos, já não tinha duas de suas funções vitais em funcionamento — os pulmões e os rins. Ontem, entre três crises bacterêmicas, ele sofreu mais uma parada cardíaca.

A primeira crise ocorreu por volta das 3 horas da madrugada. O médico Henrique Walter Pinotti, 55 anos, tinha ido para casa, na noite de quarta-feira, saboreando a repercussão de seu extenso relato sobre a saúde do presidente: disse que ainda acreditava na possibilidade de "plena cura" do paciente. Pouco tempo depois, foi acordado, porque havia uma emergência no terceiro andar do Instituto do Coração. Tancredo Neves, outra vez, estava no limiar da morte.

As 7 horas, Pinotti e sua equipe, exaustos, achavam que haviam controlado mais essa crise — a pior que tinham visto, nesses 34 dias de luta pela vida de Tancredo. Enganaram-se.

Pouco depois veio outra. E mais violenta. Foi dominada, até que nova crise surgiu, às 15h30. Pelos 180 minutos seguintes, os médicos usaram todos os recursos de que dispunham para superar um problema vital: a queda contínua do nível de oxigenação do sangue, mesmo com o paciente conservado em temperatura de 34,8 graus.

Desde a madrugada, vinham aplicando 100% do oxigênio concentrado nos pulmões do presidente. Por volta das 18 horas, quando houve uma parada cardíaca, Tancredo deu mostras de que, mesmo com o máximo de oxigênio concentrado, não conseguia absorver o mínimo necessário para continuar vivendo. Seus pulmões simplesmente se retraíram.

Os médicos passaram a injetar-lhe oxigênio nos pulmões com auxílio de pressão. O nível de oxigenação do sangue começou a subir, de 30% (a metade do padrão mínimo aceitável) até chegar a 70% e estabilizar-se nas horas seguintes. Pinotti acalmou-se.

O governador Franco Montoro deixou o hospital e fez um apelo: "Que Deus salve o nosso presidente".

(Ver páginas 5, 6 e 8)